mocidade
portuguesa
feminina
San Payo

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

(MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA)

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PREÇO AVULSO-1$00 — ASSINATURA AO ANO-12$00

N.º 53
SETEMBRO
1943

Paz

Deserto... Solidão... Silêncio... e **Paz**...

Férias com um bocadinho de *deserto* a um canto da alma, com muita *solidão* a preservar do barulho das multidões — e *silêncio*, muito silêncio mesmo, dentro e fora de nós: (olhar calado, ouvidos silenciosos, língua moderada ... imaginação e coração guardados...) férias assim levadas darão frutos de **Paz!**

Deus vo-las dê, umas férias destas, cheias de **Paz**, de tôda a **Paz** da consciência, sob o olhar do Senhor.

Deserto... *Solidão*... Silêncio... dão **Paz.**

*
* *

O bem que é a **Paz!** E somos tão poucos os que a queremos e a procuramos, a paz verdadeira!...

E' que o lugar solitário e silencioso pode não bastar para nos dar a **Paz**...

A **Paz** é, antes de mais nada, um dom de Deus.

Têm paz os corações limpos, os espíritos a viverem na Verdade e as almas sossegadas na graça de Deus.

A **Paz** é uma graça de Deus.

A **Paz** é uma bênção de Deus.

A **Paz** merece-se e conquista-se.

*
* *

As cruzes e os cruzeiros por entre os campos, no alto dos cêrros, nas dobras dos caminhos: são uma presença de **Paz**.

Espalham a **Paz** — dão a **Paz** às coisas e aos homens.

As cruzes são semeadoras de **Paz**... são a *Paz*...

As cruzes, e Cristo presentes nelas, crucificado nelas: são como a **Paz** viva que anda entre nós a abraçar-nos.

São o abraço da **Paz!**

Quando o homem traz Deus dentro de si, quando vivemos na graça de Deus, que paz não anda connosco...

Férias na graça de Deus...

Procurai e imitai a **Paz** da natureza.

Sêde como os cruzeiros: semeai a Paz.

Por onde vós passeis: deixai **Paz** — levai a Paz às almas.

Deus vos livre de alguma vez roubardes a Paz seja a quem fôr que vos tope nos caminhos da vida.

Há para aí tanta gente que rouba e mata a Paz das almas...

«Ai daquele por quem vier o escândalo...» — é palavra do Evangelho.

Vivei em Paz.

Dai Paz!

E o Senhor Deus da Paz vos cumulará da Divina Paz que só os filhos de Deus experimentam.

G. A.

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. EM VISEU

Imaculada Conceição, padroeira do Colégio onde funciona a Colónia de Férias da M. P. F., em Viseu

Na Cruz Alta do Bussaco

«Nascer do Sol» tal como se vê dos dormitórios da Colónia de Férias, de Viseu

Escalando o Monte de Santa Luzia

Descanso merecido após uma subida difícil ao Monte de Santa Luzia

Jogando ao «Pilha 3»

Grupo que dançou a «valsa» na festa de despedida do 1.º turno

1.º turno da Colónia de Férias de Viseu

É o ano terceiro de organização de Colónias para Universitárias. A primeira Colónia, na quinta da Gandorinha em Sintra, agradou; estabeleceram-se relações de camaradagem, praticaram-se desportos, traçaram-se normas norteadas por um Ideal.

Depois, no ano seguinte, a Colónia realizou-se em Viseu e houve inovações: fundou-se um jornal que pretendeu perpetuar os factos mais importantes da Colónia e a vida intensificou-se, alargaram os conhecimentos.

Mas no caminho da perfeição, parar é retroceder.

A Colónia dêste ano marcou pelas inovações que a colocaram num nível muito superior à dos anos transactos; Colónia de Universitárias, tinha na verdade que marcar por um cunho intelectual, especulativo.

Surgiram então os "ciclos de estudo„ em que cada uma pegava num problema, o debatia, o profundava, o procurava resolver. Assim, falou-se sôbre romance portuguê̂s feminino, formação do mundo, poesia moderna, o problema social encarado sob o aspecto moral e económico.

Houve um Curso de Educação Física aceite com entusiasmo, freqüentado com assiduïdade. E todos os ensinamentos foram ministrados com seqüência e leveza e talvez por isso mesmo aprendidos com segurança e interêsse. — Formou-se um Orfeão entusiasta, organizado e dirigido de forma superior que nos deliciou no dia da festa do Crisma. Foi êsse um dos dias mais intensamente vivido, mais espiritualmente vivido. Sua Ex.^ma^ Rev.^a^ o senhor Bispo de Viseu falou e as suas palavras calaram fundo em nossas almas, talvez porque nelas vibrava tôda a simplicidade duma Fé profunda e ardente. Cada frase proferida prestava-se a um tema para meditação: "O nosso coração, pequeno como é, tem sêde de infinito e só em Deus, a fonte de infinito, encontra o repouso desejado„.

Outro dia que marcou foi o do passeio ao Luso, à mata do Bussaco, com peregrinação pela Cruz Alta. Saímos de casa com a alegria provocada pela perspectiva de um dia de campismo num recanto belo de Portugal, voltámos com uma alegria igual porque a nossa visão se efectivara talvez ainda com mais explendor do que a imagináramos. No último dia de Colónia, já por entre os cumprimentos de despedida e as lágrimas de saüdade, entrevistaram-se algumas filiadas: as novas manifestaram de viva voz o seu agrado pela Colónia e a intenção firme de voltar e de contribuir para que ela seja cada vez melhor.

E uma definiu assim: a colónia foi uma escola, onde os ensinamentos ministrados sem nós darmos por isso, hão-de render muito pelo ano fora.

As outras, aquelas para quem a vida de Colónia já não era uma novidade, apreciaram-na em confronto com as anteriores e foram unânimes em vincar a superioridade desta.

Mas tôdas, veteranas e novas gritaram o seu agrado mais ainda do que com palavras — com as lágrimas que lhes toldavam o olhar e lhe velavam a voz. Tôdas se esforçaram por oferecer o seu esfôrço, o seu pequeno auxílio para o bem estar e valorização comum.

É natural que seja assim: nós sabemos que o nosso caminho tem que ser sempre em frente, cada vez melhor, numa ânsia contínua de aperfeiçoamento. E, porque cada uma está convencida desta verdade, os esforços conjugados numa Fôrça única, impulsionada pelas nossas Dirigentes, hão-de atingir o infinito de que o nosso coração está sedento — Deus.

Hortense

Garotos...

"ENSINAR às crianças que há um Deus no Céu e vinte e cinco letras no alfabeto"...

Foi o pensamento que levou Eugénie Bonnefois — a humilde apóstola dos circos ambulantes — a criar uma obra de amparo e educação de pequenos saltibancos, como ela. Queria "levá-los a saber, o que não sabiam" — o Bem, o Bem até à sua plenitude — Deus.

Se nós fôssemos assim: "Sedentas de ensinar o Bem!!...

Sedentas de dar a conhecer o que há de bom no mundo, fazendo antever o Céu! Sedentas de verdade e de desejo de a comunicar!...

E podia ser o pensamento de Eugénie Bonnefois como que o programa da tua actividade de férias, se quisesses...

Há por êsse Portugal fora tanto garoto a quem poderias fazer bem!

Fazer bem o bem, levando-o ao conhecimento e amor do Bem Supremo.

Na praia — o moço barqueiro, o pequeno banheiro, por vezes, e com razão, tão pouco edificado, e a quem uma palavrinha tua poderia fazer tanto bem!...

No campo — o filho do trabalhador, o filho do criado ou do caseiro, da quinta ou da aldeia, onde te encontras, a quem o teu interêsse pela vida dêle, pela vida do campo e da aldeia, pode ser um estímulo a não a abandonar pela cidade, quando um dia lhe vier a tentação...

Nas termas — o pequeno *groom*, o pequeno vendedor ambulante, e tantos e tantos outros, a quem a mira de uma gorgeta, de um ganho desordenado e desiquilibrado pode levar tão longe, tão longe... no mal...

Na cidade — o ardina, o vendedor de jornais, o engraxador, o vendedor de limões e todos aqueles que levam uma vida de vadiagem, por falta de amparo duma família, dum lar, e a quem tu tens obrigação de socorrer e ajudar, conforme puderes...

É que não calculas os perigos, as tentações, em que se encontram os nossos garotos! À beira do abismo do mal, a maioria, por ignorância do Bem e contacto permanente com a lama, podes crer.

Êles vêem o bem — através dum polícia rígido, que lhes dá a noção errada que as leis são "entraves e pêsos" que levam à prisão...

Chegam a pensar que o êrro está na lei e não na transgressão dela. Porquê? Porque ninguém teve o cuidado de lhes explicar as razões da lei; onde está o bem, e onde está o mal... Esqueçemo-nos de aproveitar aquela sêde de Justiça que o garoto tem e deixamo-lo caír num conceito injusto da sociedade e dêle-mesmo.

De quem a culpa? De todos nós, de todos aqueles que se esquecem de ver na criança o futuro homem, não lhe dando a noção da responsabilidade que têm perante Deus e perante a sociedade. Daquelas de nós, que negamos uma palavrinha, um conselho amigo, um esclarecimento ou ensinamento, não nos lembrando que aquelas almas pô-las o Senhor no nosso caminho para que lhes déssemos o que dÊle recebemos: noções de Justiça e de Caridade.

"Ensinar às crianças que há um Deus no Céu e vinte e cinco letras no alfabeto" é combater a ignorância, com a Verdade!...

Que lindo programa para as tuas férias, não te parece?

E é tão fácil, tão simples! Basta um bocadinho de amor e boa-vontade, num banho de alegria e simplicidade...

Maria Luisa Ressano

(Foto MANFREDO)

Guida
RAPARIGA DE HOJE

IV — CARTAS

Quinta do Paço 10-8-1943

Minha querida Joaninha

O prometido é devido e aqui me tens a dar-te notícias. São óptimas, graças a Deus, nunca tive umas férias tão divertidas como êste ano. O meu tio Jacinto, em quem já te tenho falado, mandou fazer em "court" de "tennis" na quinta, à entrada da mata por cima do jardim; tem uma vista linda, vê-se a estrada do Norte, tôda a aldeia e ao longe o mar.

Todos os dias jogamos, o pai, o João Manuel e eu, e muitas vezes temos visitas, que vêm de Viana e das casas próximas, e as partidas são animadíssimas.

O Luís de Menezes, aquele rapaz que encontrei em casa da Alda no Estoril, tem vindo muitas vezes com os dois irmãos, que estão a estudar em Coimbra e também são muito simpáticos; acompanham-nos algumas vezes raparigas de Viana, de famílias amigas da avó algumas muito agradáveis e com quem me entendo muito bem.

Mas, o que mais apreciei estas férias, foi a visita da Luz que veio passar uns dias connosco. Não calculas que boa companhia nos fez; sempre prestável e útil, ajudava a Mãe a fazer bolos, ia com o pai e o tio Jacinto ver o carpinteiro que estava trabalhando aqui nessa ocasião, e atrelava o cavalo à "charrete" e fazia recados com uma facilidade única; todos ficaram encantados com ela. A Maria Adelaide está-lhe reconhecidíssima, ajudava-a a procurar o Tareco, que lhe tem dado desgostos, porque prefere dormir em cima dos muros a utilisar a almofada que tem no quarto dela.

O que muito nos divertiu, foi um passeio que demos. Uma das tias da Luz e as irmãs vieram buscá-la, chegaram de automóvel à tarde, jantaram e ficaram nessa noite. A tia é uma senhora muito alegre e pronta para fazer excursões e passeios; as irmãs são encantadoras.

A Milú é bastante mais velha do que a Luz, mas parece da mesma idade, é muito inteligente, escreve, e é muito conhecida na Juventude onde tem falado em reüniões e congressos, sempre com um grande sucesso, mas é muito simples e tem tanta graça que nos fez rir com as suas saídas, a todo o momento.

A Terezinha ainda pequenota, tem 14 anos, mas muito alta para a idade; é muito bonitinha e tem uma cabeleira frizada que a torna muito interessante. Fazia camaradagem com a Maria Adelaide e connosco. Resolvemos fazer um passeio à praia aproveitando a sua estada aqui. A Mãe, que detesta andar por maus caminhos, ficou contentíssima, porque a D. Luísa, a tia da Luz, se ofereceu para nos acompanhar. Como sabes a Mãe nunca nos deixa ir a qualquer passeio sem uma pessoa de respeito.

Levantámo-nos cedíssimo, apesar de termos adormecido tarde; o meu quarto estava um dormitório, e rimos tanto com as saídas da Milú e as tolices da Terezinha, que de manhã custou a acordar.

Na véspera à tarde combinámos com as Menezes para virem ter connosco à praia e trazerem a Maria João, uma prima delas que andou no Colégio com a Tereza e que é muito simpática.

Saimos da quinta às oito horas, uma verdadeira caravana. A D. Luísa, nós quatro, a Maria Adelaide, o João Manuel e duas criadas com o almôço para todos.

Atravessámos a aldeia, passámos à capela de S. João, a mais antiga dêstes sítios, e, por atalhos, uma hora depois estávamos na praia. Não calculas que deslumbramento a chegada ali. Atravessámos um prado onde pastavam vacas e cortado por um ribeiro cujas margens são floridas, e, de repente, avistámos as dunas de areia e, à direita, o Monte de Santa Luzia, dominando tudo com a Imagem em bronze do Sagrado Coração de Jesus, que parece abençoar todo Portugal.

A D. Luísa, que tem viajado imenso, disse que era uma das paisagens mais bonitas que tem visto.

Assim que chegámos à beira-mar, onde já nos esperavam as Menezes e a Maria João, descalçemo-nos tôdas e fomos apanhar mexilhão para as rochas.

Pouco depois aconteceu-me um desastre! Não calculas o mêdo que tive! O Luís e eu fomos avançando pelas rochas e não demos atenção que a maré estava a encher; de repente vimo-nos rodeados de água, eu quis fugir, mas atrapalhei-me e caí ao mar, o Luís imediatamente saltou para a água e foi o que valeu, porque havia uma poça funda. Depois do primeiro alarme, todos nos rimos da minha falta de geito e da coragem do *valente marinheiro*. Tive que ir para o pinhal com D. Luísa e vestir os abafos que trazíamos para a tarde e esperar que enxugasse a minha roupa, o que aconteceu ràpidamente porque o sol estava quente.

O almôço foi animadíssimo e houve saúdes ao *corajoso salvador* e à *vítima do desastre*.

A Maria Adelaide que ao ver-me cair chorou muito, não apreciou nada estas graças.

Depois dum dia delicioso regressámos, tôdas sujas de areia e dos mariscos que apanhámos e bastante cansadas, jantar a casa. No dia seguinte a Luz e a família partiram para Braga, deixando-nos as maiores saüdades. A Avó e a Mãe gostaram imenso da D. Luísa e a Luz e as irmãs deixaram na nossa casa um vácuo. Hoje até o João Manuel está triste. E eu vim aproveitar para te dar as minhas notícias. A Luz também te vai escrever. Os meus cumprimentos a tua Avó, um beijo ao Zéca e para ti um grande abraço da tua muito amiga

Guida

Espinho, 16-8-1943

Querida Guida

Gostei imenso da tua carta, tens tido na verdade umas férias óptimas; as minhas também têm sido boas. A Avòzinha está contentíssima de nos ter cá. O Zéca tem tirado bom resultado dos banhos, todos os dias vou com êle à praia e com uma rapariga que aqui está, com quem me dou muito, chama-se Suzana, tem 20 anos, e deve entrar breve para o Convento. É alegríssima e anima tôda a gente. Ela e eu tomámos conta duns gemeosinhos que nasceram num casebre próximo da casa da Avó. A Mãe já tinha três filhos e com os dois a mais foi uma atrapalhação, porque o marido ganha pouquíssimo.

(Continua na página 15)

(Foto MARTINEZ POZAL)

AMOR DO PRÓXIMO?

Mas o doutor de novo interrogou Jesus:
— E quem é o meu próximo?
(EV. SEGUNDO S. LUCAS)

Há muitos costumes errados quanto à maneira de viver com as pessoas que nos servem, ou antes, que nos ajudam, e por isso incumbe à Mocidade o dever de os corrigir. Falamos das criadas.

No Brasil chamam-se «empregadas» e não é bonito dizer «criadas».

Entre nós essa palavra nunca teve nada de depreciativo, antes pelo contrário, e se agora o tem é mercê da falta de generosidade no trato que é dado às criadas. É ver o ar de superior má criação com que algumas meninas dizem de forma que se ouça bem na cozinha: — «Tenho uma raiva a esta criada», ou «Quando a minha criada vier, que espere», etc.

Devemos reconhecer que há falta absoluta de humildade na maneira de usar o termo.

Falando de criadas, não nos dirigimos às lusitas que, à falta de quem as repreenda, fazem maldades, como seja espalhar o lixo acabado de juntar diante da pá, desatar vinte vezes ao dia o laço do avental, patinhar de propósito o chão esfregado ou encerado recentemente.

Dirigimo-nos às mais crescidas, que já têm responsabilidade própria e que esquecem tanta vez de olhar caridosamente para a pessoa que as serve, julgando-a largamente paga a trôco de dinheiro.

Quantas meninas há, que ao fim de alguns meses ignoram por completo a vida da sua criada, digo, da criada de seus pais. Sabem-lhe o nome por necessidade de a chamar, e pouco além disso...

Bom seria colocarem-se por pensamento na situação inversa para imaginar o desconfôrto que sofrerá uma pobre rapariga, às vezes vinda de outra terra cheia de saüdades dos seus, e que mercê dos hábitos actuais não tem quem lhe dê oportunidade de falar daquilo que a preocupa. Partindo do princípio de que os vossos pais foram devidamente informados do bom comportamento moral da rapariga que entrou para a vossa casa, nenhum inconveniente há em que por bondade e na ausência de pessoas de respeito tenhais com ela pequenas conversas tendentes a fazer da criada estranha uma pessoa amiga.

Uma filiada da Mocidade, forte e saüdável, deve sentir-se envergonhada de ser servida em coisas que pode absolutamente fazer. Que seus pais mandem trazer um côpo de água, apanhar do chão um objecto que lhes caiu, ou atar os seus sapatos, está absolutamente certo. Êsses direitos provêem da sua idade, da sua categoria, da sua posição social, e todo o respeito e honras lhe são devidas.

Que uma rapariga còmodamente sentada, toque a campainha e ordene que lhe vão buscar um livro à estante, um lenço ao quarto ou outras coisas assim parecidas, não é justo.

Essas ordens vão muitas vezes prejudicar o trabalho da criada, e o trabalho de alguém deve ser sempre respeitado, seja êle do servidor mais modesto. Interromper muitas vezes por razões ínfimas e exigir sempre um sorriso afável, não é de um coração justo.

É também por bem que deveis muitas vezes calar a vossa felicidade.

A combinação de uma festa de luxo, os projectos para um novo vestido, a alusão aos preços, (sobretudo os preços...), proclamados alto na expansão da vossa alegria, ferem muitas vezes os sentimentos de quem vos serve.

Pelo contrário, se tiverdes conquistado a simpatia da criada, vê-la-eis tomar parte na vossa satisfação, se antes de sair a estrear um vestido vos fôrdes despedir dela, e mostrar-lho como a uma amiga.

Tratando-se de uma provinciana, deveis redobrar de cuidados com a sua sensibilidade.

Não troçar da sua pronúncia ou ignorância dos usos da cidade. Antes fazer perguntas mostrando o interêsse de conhecer a sua terra.

Se ela falar de crendices e agoiros, não é amável contradizer imediatamente com crueza e ironia, mas tentar convencer pouco a pouco pela razão e o exemplo. Mais tarde, quando tiverdes adquirido a sua confiança, então podereis rir com ela lembrando-lhe os êrros da sua ignorância tantas vezes irresistìvelmente cómicos. E a propósito, não deixeis contar diante das criadas anedotas ou histórias que ridicularizem as próprias criadas.

Quando uma criada chega da rua, às vezes de volta dum recado distante, pode vir cansada. Vós, em caso idêntico, sentar-vos-íeis imediatamente. Não deveis pois, por muito urgente que seja, recebê-la com a ordem de uma série de serviços, mas deixar-lhe uns momentos de repouso.

O mesmo fareis às horas das refeições. Quantas vezes se vê chamar as criadas durante a sua comida!

Ao Domingo a criada tem o tempo para o seu serviço da manhã, um pouco reduzido com a ida à missa. Ao Domingo também é, em geral, o dia da sua saída, dia que ela espera ansiosamente. Não a demoreis mais com pedidos ou ordens que lhe vão roubar o tempo; antes, santificai o vosso Domingo ajudando-a discretamente no que vos fôr possível. Arrumai o vosso quarto, ou fazei qualquer outro serviço.

Há um princípio elementar que a mocidade deve ter sempre bem presente. O hábito de pedir tudo por favor, a todos, principalmente aos seus criados, aos quais dirá sempre «obrigado» depois do mais pequeno serviço. É um hábito que se consegue com um pouco de fôrça de vontade.

Direis que é difícil pôr em prática estas acções, e mais, que é impossível achar criadas que vos agradeçam.

Ora, justamente diremos que é possível pôr em prática tôdas estas boas acções desde que não se espere o agradecimento. O que se vos pede é um pouco mais de atenção.

Há coisas que fazeis mal sò por falta de atenção, e não por mal. Assim, mesmo que a criada que tendes em vossa casa vos pareça antipática, desagradável e brusca, ainda que de antemão vejais que ela não tem sensibilidade para apreciar as vossas boas intenções, não desanimeis!

Insisti, insisti sempre, e sempre sem desejar que ela vos agradeça.

Mámia

Notícias da M. P. F.

POESIA DE MOVIMENTO...

Em Junho passado, a Direcção da M. P. F. convidou um grupo de senhoras inglêsas e americanas, fazendo parte do Corpo diplomático e jornalismo, a assistirem à prova final de gimnástica do nosso Curso e a um almôço feito e oferecido pelas nossas filiadas, no Comissariado. Tanto a gimnástica como o almôço foram apreciadíssimos! Êste último saboriado e admirado como era natural, pois que tanto a sua apresentação como o seu paladar eram excelentes. A professora Froken Ryberg foi muito aplaudida, assim como as raparigas que escutaram os seus números de gimnásticas com leveza e até... arte. Uma das senhoras inglêsas, que nos deu o gôsto da sua presença, Miss Withers, representante da B. B. C., escreveu-nos uma carta de agradecimento que não podemos deixar de transcrever, pela compreensão e simpatia que exprime e que só nos pode animar a prosseguir: «Interessou-me imenso o poder assistir às provas de gimnástica da Mocidade Portuguesa Feminina. Impressionou-me o nível atingido. Algumas dessas raparigas expressaram a verdadeira poesia do movimento! — Quanto ao delicioso almôço, preparado para nós com um cuidado tão simpático só posso dizer que nunca o esquecerei! Peço-lhe que tenha a bondade de dizer às senhoras da Direcção e às raparigas quanto apreciei as suas amabilidades que tornaram a nossa visita à M. P. F. tão agradável e interessante.»

Esta compreensão que também se estendeu à Organização da Obra das Mães, que lhes foi explicada pela Senhora Condessa de Rilvas, tornou esta visita proficua, pois que é sempre útil e agradável, entre aliados, um entendimento que vá até à juventude.

Uma interessante prova de gimnástica

Chefes de Quina — Tirando a sorte para um jôgo

Chefes de Quina — Marcha em continência

EXAMES DE GRADUADAS

Chefes de Quina. Realizaram-se na sede da Sub-Delegacia de Lisboa, os exames de Chefes de Quina.

Concorreram: 131 Infantas, e 78 Vanguardistas e Lusas, tendo havido as seguintes percentagens de exclusões, faltas e desistências: Infantas 16,7 %; Vanguardistas e Lusas, 35,6 %.

Foram aprovadas as seguintes filiadas:

Infantas, 10. Excepcionalmente aptas, 8, muito aptas, 17; aptas 84.

Vanguardistas e Lusas, 51. Muito aptas, 3; aptas 48.

Apesar do Curso de Chefes de Quina ser o primeiro da Escola de Graduadas e por conseguinte o menos exigente, é interessante ver como já nêle se trabalha a sério no sentido de dar às filiadas conhecimentos nacionalistas e uma sólida formação moral e religiosa.

Alguns pontos das provas escritas (Vanguardistas e Lusas):

I

a) *Diga em poucas palavras quais foram as causas que determinaram o movimento do 28 de Maio.*

b) *Que carácter teve o movimento e o que pretendeu?*

c) *Indique as vantagens do corporativismo.*

d) *Parece-lhe bem enquadrada dentro do programa do Estado Novo a organização da M. P. F.? Justifique a resposta.*

II

a) *Que lição de civismo nos dá D. Filipa de Lencastre armando seus filhos cavaleiros, à hora da morte?*

b) *Qual é a figura da história pátria que lhe merece maior admiração e porquê?*

III

a) *Trace nuns pequenos esquemas os quadros das Dirigentes da M. P. F.*

b) *Que relações deve haver entre a acção da M. P. F. e a acção da Escola e da Família?*

IV

a) *Em que época do ano litúrgico nos encontramos? Que representa ela e em que espírito a devemos viver?*

b) *Mencione os dias em que há obrigatoriedade de ouvir missa.*

V

Entre uma pessoa que quere porque não custa, uma que quere embora custe e uma que quere por isso mesmo que custa, onde estará a que tem uma vontade forte, verdadeiramente formada? Faça a propósito as considerações que julgar oportunas.

Não é verdade que já neste 1.º curso se trabalha conscienciosamente?

* * *

Chefes de Castelo, de Grupo, de Bandeira e de Falange. Realizaram-se também na sede da Delegacia da Estremadura os exames destas graduações, cujos resultados foram os seguintes: Plenamente aprovadas com direito a acesso à graduação superior: *Chefes de Castelo* 8; *Chefes de Grupo* 8; *Chefes de Bandeira* 3. Plenamente aprovadas: *Chefes de Castelo* 11; *Chefes de Grupo* 1; *Chefes de Bandeira* 3.

Terminaram o Curso 3 *Chefes de Falange.*

Desejaríamos publicar todos os «pontos» dos exames para mostrar os conhecimentos que se adquirem na *Escola de Graduadas*, nos seus diferentes Cursos, mas na impossibilidade de o fazer por falta de espaço, vamos dar apenas alguns dêsses «pontos», escolhendo um de cada matéria para dar uma idéia geral. (É claro que os Exames de cada curso versaram sôbre tôdas as matérias).

Chefes de Castelo. *Formação moral e religiosa.* 1 — É preciso *viver* o nosso Credo. Que significa esta afirmação? 2 — Como explica que haja tantas pessoas que acreditam mas não *vivem* cristãmente? 3 — Haverá muitas pessoas com a *vontade* bem formada? Explique qualquer resposta que dê.

Tratamento de doentes. 1 — Que deve fazer uma graduada se tiver de socorrer alguém que tenha feito uma luxação no cotovelo? 2 — E no caso de uma hemorrogia do nariz que fará? 3 — Qual é o número normal de pulsações numa criança de ano? E numa Infanta?

Chefes de Grupo. *Formação nacionalista.* 1 — Quais são, segundo afirma Salazar, as «Grandes certezas da Revolução Nacional» e diga o que pensa sôbre cada um dêsses princípios fundamentais. 2 — Indique, sumàriamente, as principais realizações do Estado Novo Português, salientando aquela que julga mais importante. 3 — Que pensa sôbre a instituição da M. P. F.? 4 — Quais as qualidades que uma rapariga portuguesa, e, sobretudo, uma graduada da M. P. F. deve cultivar a fim de servir dignamente a sua Pátria?

Chefes de Bandeira. *Culinária* (prova prática). «Consomé»; salmão fingido; ervilhas com «maionese»; galantine de coelho; «acepic»; «praline»; bôlo napolitano; salada de frutas; chá e café.

Puericultura (prova prática). Pesar um bébé e dar-lhe banho.

Chefes de Falange. *Canto coral* (prova teórica) 1 — *Puer natus.* Em que género está escrita esta melodia? 2 — O que sabe dêsse género de música? 3 — *Gustate et videte* Em que género está escrita esta melodia e a que estilo, ou rito, pertence? 4 — O que sabe de música mosárabe? 5 — *Se do mal que me queres.* Donde foi extraído êste trecho? 6 — O que sabe dos cancioneiros em relação à música? 7 — *Stabat Mater.* Diga o que sabe do autor dêste trecho e da música portuguesa na sua época? — *Prova prática:* os mesmos trechos cantados.

Economia doméstica. Corte geométrico. Fazer o molde, cortar e executar um vestido simples.

Chefes de Bandeira — *Provas de culinária*

* * *

Todos os exames das várias graduações tiveram ainda provas teóricas e práticas de *Educação física* e *Organização de serviços de Centro* cujos «pontos» não publicamos por serem extensos e não querermos roubar o lugar ás fotografias que, melhor do que as palavras, darão idéia das «provas» dos Exames de Graduadas.

Essas fotografias mostram bem que a Escola de Graduadas é uma das melhores realizações da M. P. F., porque além de formar boas dirigentes para a Organização, prepara as filiadas para a sua vida familiar doméstica. Faz delas *mulheres!*

Chefes de Falange — Costureiras. Vêem-se ao fundo alguns vestidos feitos pelas graduadas

No intervalo das provas de puericultura

Provas escritas

(Fotos MARTINEZ POZAL)

PARA LER AO SERÃO

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ILUSTRAÇÕES DE GUIDA OTTOLINI

Olá! gritou êle correndo para elas e descendo da bicicleta com um enorme salto

UMA FAMILIA PORTUGUESA

(Continuação)

Helena e Francisca estudavam todos os dias no próprio colégio que ocupava a Casa do Pinheiro; e tanto uma como outra, com interêsse e aproveitamento.

A maior ocupação delas na aldeia eram as várias obras sociais de que o bom Prior as incumbira com outras senhoras; e que, com uma despesa relativamente pequena, muito beneficiavam a criançada pobre da região.

Havia, já se vê, a catequese semanal na igrejinha branca, a meio do grande largo rodeado de arvoredo. As duas irmãs juntavam-se às senhoras Abreus, duas solteironas de mais de 50 anos, um pouco ridículas de aparência, e Margarida Cunha, rapariga de 16 anos, alegre e bonita.

Em certos dias do mês reuniam-se para a costura dos pobres, e, essas reüniões, quási sempre de manhã em casa das Britos, eram as que Helena preferia a tôdas pela alegria e tagarelice que acompanhavam aqueles trabalhos.

Havia também o Recreatório dos rapazes nas tardes das quintas feiras; mas êsse, àparte as aparições freqüentes do próprio Prior que levava essa obra muito em gôsto, estava entregue, em absoluto, a Helena. E o das raparigas realizava-se aos sábados no próprio colégio, sob a direcção duma Irmã Dorotea e com a colaboração activa de Francisca e da mais nova das Britos, parentes afastados dos Almeidas.

Maria da Luz de Brito, tinha 14 anos; era uma pequena loira e doce, de grandes olhos azues duma limpidez extraordinária e com um feitio calmo que a todos seduzia.

A irmã, Carolina, formava com ela um verdadeiro contraste; e era estranha a parecença física das duas sendo os seus feitios morais a antítese um do outro.

Carolina tinha o olhar duro como o aço, o génio violento, a índole autoritária; e o seu enorme orgulho afogava por completo a bondade instintiva que poderia haver no seu coração.

Tinham estas raparigas um único irmão, Nuno, guarda-marinha a bordo dum navio de guerra. Os pais passavam ali os meses de Junho a Dezembro; nos outros 5 meses estavam em Lisboa, na sua casa da Rua do Salitre.

A família Cunha compunha-se apenas de três filhas, Guida, Maria José e Maria do Carmo, esta muito mais velha e que fôra a educadora das mais novas, pois a mãe morrera à nascença de Guida. Viviam com o pai, rabujento e sempre adoentado, numa casa antiga e desconfortável.

Naquela tarde estava o Recreatório das raparigas muito animado, e também ali chegara já a notícia da próxima festa da Casa da Tôrre. A conversa sôbre a família Santos ia tomando tal importância que a freira achou bem cortá-la:

— Meninas, vamos cantar — ordenou a Irmã Inez, sentando-se ao harmonium, enquanto um rancho de pequenas a rodeiou, dirigidas por Francisca e Maria da Luz.

— Temos de ensaiar os cânticos do mês de Maria — tornou a Irmã — Não me parece que as segundas vozes estejam muito firmes...

— O cântico da Maria da Luz é lindo, não acha, Soror Inez? — preguntou Francisca.

— É lindo! — gritaram as pequenas.

— Vamos ouvi-lo — respondeu a Irmã, tocando uns acordes em ré menor, sôbre os quais se desenhava uma melodia cheia de emoção.

Os nossos cantos melodiosos,
são cantos lindos cheios de luz,
que sobem, sobem ao Céu,
vão direitinhos até Jesus!

Mas antes do último verso, cantado com rara afinação pelo côro, ouviu-se tocar a sinêta do portão com fôrça e umas vozes estranhas discutindo com a Irmã porteira.

Sôror Inez teve de deixar o harmonium para ir ver o que se passava; e voltou, momentos depois, com duas raparigas de vestidos exageradamente curtos, caras exageradamente pintadas, braços nús e chapéus exageradamente na orelha sôbre caracóis e canudos igualmente exagerados e profusos.

A aparência destas raparigas ao pé de Francisca e Maria da Luz, vestidas com a maior simplicidade, sem «rouge» nem pó de arroz, e cujos penteados tinham a naturalidade dos seus cabelos ondeados e curtos, era duma tal oposição que uma das pequenas do Recreatório, olhando ora umas ora outras, disse a meia voz:

— Estas meninas parecem bonecas de compra...

— Schiu! — ralhou a Irmã — São as meninas da Tôrre — continuou Soror Inez, dirigindo-se a Francisca — quiseram vir visitar o Colégio.

— Os seus pais foram a nossa casa ontem — disse Francisca, com um sorriso.

— Êles disseram — respondeu a mais velha, secamente — E o que é que fazem aqui? É só cantar? — preguntou.

— Que espiga! — observou a segunda.

— Se as meninas quisessem também pertencer a esta Obra e ajudar, era uma bela coisa — lembrou Soror Inez.

A mais velha respondeu:

— Eu gostavo, acho graça a isto tudo, tão diferente do que tenho visto! — Mas a segunda, que se isolara no vão da janela para reforçar a pintura dos beiços e o vermelho das faces, revendo-se num espelhinho, exclamou:

— Comigo não contem para êste género: nem tenho pachorra para miudas, nem vim para o campo para trabalhar!

As pequenas pobres olhavam a menina Suzette com espanto indignado. E uma delas não pôde deixar de observar baixinho, dando um forte cotovelão na sua vizinha:

— Faz lembrar a palhaça que vinha com os fantoches da feira de S. José, lembras-te?

Prevendo uma cena desagradável com a franqueza rude das crianças, a Irmã achou prudente mandá-las tôdas para a cêrca brincar um bocado; e as quatro raparigas ficaram a conversar.

— Era aqui que moravam dantes? — preguntou Lisette a Francisca.

— Esta é a casa da família da minha Mãe — respondeu Francisca — mas quando perdemos o Pai tivemos de modificar a nossa vida; somos um grande rancho e os manos têm de se formar.

— Formar para quê? — tornou Lisette — nem sempre se ganha mais por isso.

— Não é só para ganhar que os rapazes se formam — interveio Maria da Luz — Cada um lá tem a sua vocação na vida...

— O nosso irmão está na Guiné a trabalhar. Nunca quis estudar, mas há-de vir a ser rico, que é o principal — informou Suzette.

— ...

— Também esperamos hóspedes do Porto e de Lisboa — disse Lisette.

— Parece que nós vamos à Tôrre no Domingo, não é? — preguntou Francisca.

Còrou, porém, levemente vexada, quando Suzette respondeu:

— Ouvi o papá dizer à mamã que era preciso mandar o automóvel grande buscá-las no Domingo, porque não tinham se não uma carripana antiga para sair de casa, coitadas.

Maria da Luz, com vivacidade desusada, retorquiu:

— Isso é ignorância dos seus pais. A minha tia se se resolver a lá ir (o que não creio) ainda tem o seu «Buick» para a levar à Tôrre. É antigo, sim, mas nada se parece com uma carripana!...

VI

— Vocês não põem na sua idéia o que é a família Santos, meninas! — declarou Helena na reünião da costura — Porque vocês ainda nunca viram nem os papás, nem as meninas.

— Quando foram lá a casa — disse Margarida — só a Zé é que as viu e achou-as adoráveis, imaginem!

— Pois a nossa visita à Tôrre, no Domingo passado, merece bem uma pequena descrição — tornou Helena — A Mãe não foi e tivemos de nos encaixar todos quatro com o primo Esteves no nosso velho «Buick». A' chegada, surgiu-nos um criado de libré, calção e meia e todo empertigado como se tivesse engolido um pau! Mas eu logo que vi aquela cara aparvalhada conheci o Zé Còrado, filho do sineiro!

— A Lena deu uma tal gargalhada — disse Francisca — que o pobre rapaz ia perdendo a linha, e resmungou: a menina Helena gosta de fazer pouco...

— Depois de entrarmos, o Zé Còrado pendurou-se à corrente da sineta e tocou como se fôsse a rebate!

— Era para nos anunciar, com certeza — disse Francisca, cozendo activamente.

— Filho de sineiro, sabe tocar sineta — observou, rindo, D. Amélia Abreu, entretida a talhar blusas.

— Depois — continuou Helena, enquanto ia fazendo o seu «tricot» — quando íamos a entrar no salão grande, rompeu a telefonia com tôda a fôrça; até me assustei!...

— Uma marcha triunfal? — preguntou Margarida.

— Qual! Um fado fanhoso cantado por uma mulher ordinaríssima — respondeu Helena.

— Mas o pai Santos foi muito amável, coitado — interveio Francisca — e parece um bom homem.

— A senhora América, com o eterno «lorgnon» de ouro, levantou-se lá do fundo do salão e veio avançando aos rebolões! Mas quando chegou ao pé de nós e viu que a Mãe não ia, fez-se como um tomate e disse, fula:

«Então a D. Luz não quis vir?»

O Alberto, de olhos esgaseados, preguntou à Francisca, a puxar-lhe pela manga:

«Quem é a D. Luz?» E o primo Francisco, feroz e com os bigodes eriçados, fez-se tão vermelho como a própria D. América! Mas a Francisca é que se encarregou de dizer à senhora: «Não sei se V. Ex.ª se refere à nossa Mãe: ela não se decidiu ainda a sair senão à missa e a casa dos parentes, desde a morte do Pai».

E o pote pôs-se a mastigar e a engulir em sêco, até que...

— As meninas estão muito fora da ordem, não sei se sabem — cortou D. Ermelinda de Abreu — então só podem falar para criticar o próximo?

— Quando o próximo é assim esquisito — respondeu Helena.

— De quem falavam? — preguntou Maria José Cunha, entrando na sala — se é da gente da Tôrre, como me pareceu ouvir, digo-lhes já que achei as raparigas muito elegantes e é uma sorte terem comprado a Tôrre...

— Uma sorte, porquê?! — exclamou Helena.

— Porque vai haver animação e festas e vamos ter gente diferente à roda de nós — tornou Maria José com veemência.

— Que pena... — murmurou Maria da Luz.

— Conversámos imenso, a Lisette e eu — continuou Maria José — e elas vão emprestar-me livros modernos, revistas de cinema...

— Cuidado! — aconselhou D. Ermelinda.

— A Suzette tem os retratos de tôdas as «stars», imaginem!

— E essa toleima de nomes franceses, que ridícula coisa! — disse Helena — até os cães são pretenciosos: um chama-se «Bijou» e o outro «Medor»! Ao menos os cães cá da aldeia são bem portugueses: «Fiel», «Jau», «Valente»... E ouvi o Zé Corado chamar aos desgraçados — «Bijou» e «Medor» — sabem o quê? Bozugo e Medronho!!!

Foi um riso geral!

Maria José retorquiu:

— Então tu, Lena, é que vais pôr-te a educar gente moderna e elegante que vive na cidade e no luxo?!

Helena deu uma gargalhada e ia responder com a sua habitual vivacidade. Mas D. Amélia Abreu interveio com firmeza:

— Meninas, não falem mais na família da Tôrre, peço-lhes. Reconheço que são ridículos, mas as meninas são más línguas o que é feio e impróprio de Juventudes Católicas!

Uma criada bateu à porta da sala.

— Está aí o Justino da Casa do Pinheiro com um recado para as meninas — anunciou; enquanto Helena se precipitava a saber o que era.

Voltou minutos depois, contentíssima:

— Hurrah! Chegaram os manos de Leiria! O Pedro só vem para a semana; e nem é certo, ainda.

Helena e Francisca despediram-se do rancho todo e seguiram para casa, através das ruas da aldeia. Logo ao entrarem no enorme pátio viram Hugo dando voltas na bicicleta.

— Olá! — gritou êle correndo para elas, descendo da bicicleta e com um enorme salto.

— Você cresceu ainda desta vez — exclamou Helena, beijando o irmão.

— Então a tal gente? A festa estupenda? As meninas serigaitas?

Joaquim, Manuel, Mário, e com êles o primo Esteves, vinham também ao encontro das irmãs; e depois de mil ternuras recíprocas entraram todos em casa a tagarelar uns com os outros na mais vibrante algazarra.

— Ai vocês dão-me vida, rapazes! — exclamou o primo Esteves, sentando-se no meio do rancho alegre com Alberto escarranchado numa das pernas.

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Clara! Clara! — exclamou Alice entrando de roldão na salinha de Maria José, onde naquela tarde se reunia o grupo da costura.

— Vens tardíssimo, Alice! — disse Rita censurando.

— Ah meninas, tenho tôda a desculpa. E era o que eu ia explicar à Clara que é para assim dizer a *mãe* do nosso vestiário — Clara sorriu sem interromper o seu «tricot».

— Senta-te depressa e explica a demora, Alice — disse Maria José, que em pé ao lado da mesa com uma enorme tesoura talhava camisinhas.

— Tivemos visitas ao almôço; e entre elas uma senhora rabujentíssima a criticar as raparigas de hoje, a falar nas do seu tempo, a achar tudo mau.

— Que antipática! — observou Joana.

— Que dizia ela? — preguntou Clara.

— Falava da mandrieira de muitas meninas, esquecendo, (a pateta!) o trabalho constante das raparigas que são catequistas, enfermeiras, estudantes, analistas...

— Decerto não se referia a essas — observou Rita.

— E pôs-se a descrever a vida duma menina que ela conhece e que é, como ela diz, uma *inutilidade* na vida.

— Conta lá, Alice, a vida da tal menina.

— Pelas nove da manhã levanta-se e toma, na cama, o primeiro almôço. Meio adormecida, deixa-se ficar no conchego da roupa a ler romances até ao meio dia. Quando, pela uma e meia, se senta à mesa do almôço tem pouco apetite e mau parecer. Encontrou tudo em ordem e a postos sem que o seu esfôrço pessoal em nada concorresse para isso (reparem que isto é a senhora rabujenta a falar).

— Eu conheço pessoas que fazem isso tal qual — observou Maria José, pensativa.

— Depois dum lauto almôço em que se levantou três ou quatro vezes da mesa para responder às telefonadelas das amigas, instala-se a ler os jornais. E pelas três horas, a menina vai-se pintar, vestir, arrebicar, para sair à hora do chá, que é sempre fora de casa.

— Eu acho óptimo tudo isso: o que tem de mau? — preguntou Joana.

— A' hora do jantar, já depois das oito, volta a família a reunir-se; e o serão passa-se quási sempre num cinema qualquer, onde há invariàvelmente, diz a senhora, beijos ridículos *au ralenti!*

— Há! Há! Há! — riram algumas.

— A senhora será rabujenta, Alice, mas olha que é observadora! — disse Clara, rindo.

— Depois concluiu assim: «o dia desta menina terminou; valeu a pena tê-lo vivido?»

— Ora essa! — gritou Joana — divertiu-se!

— Não basta, Joana, quando uma rapariga nova não é idiota... — disse Maria José a sério.

MARIA VAI CASAR

Marta e Maria conversavam ao sol posto, já quási sem luz do dia, mas não acendendo ainda os candeiros eléctricos. Marta, pensativa, observou:

— Esta hora é tão suave, Maria: a Avó chamava-lhe, lembras-te? «l'heure mauve»...

Maria ficou um momento cismàtica, recordando a Avó, já falecida. Depois, respondeu:

— É a melhor hora para se conversar. E sabes, Marta, que tenho esplendidos projectos para o arranjo da nossa casinha futura?

— Avalio bem, pois gôsto não te falta. Mas combinaste êsses projectos com o teu noivo?

— Por ora ainda não: bem sabes que êle está por tudo o que eu quero — disse Maria.

Marta abanou a cabeça.

— Não faças planos em que êle esteja fora.

— Fora! — gritou Maria — Mas êle está *dentro* de todos os meus planos!

— Queres ouvir um conselho da tua irmã, Mariazinha? Não te ponhas sempre *à frente* dêsses projectos; combina, com o Manuel, consulta-o, ouve os gôstos dêle, as suas preferências...

— Mas...

— Deixa-te ficar no *segundo* plano e verás como te darás bem com o sistema.

— No que te enganas — retorquiu Maria — é em pensares que o Manuel gosta de me ver no segundo plano: êle quer sempre, podes ter disso a certeza, que eu decida e imponha os meus gostos! Que, de resto, são os dêle.

Marta teve um vago sorriso e tornou:

— Não há homem *nenhum*, ouve-me bem! que goste de ser suplantado pela mulher... por muito que a adore, Maria. E se queres que te diga — continuou Marta, convencida — eu acho que têm razão. A mulher deve ser a colaboradora do homem, a companheira, a conselheira, mesmo; mas deixando-lhe a êle, em *tôdas* as circunstâncias da vida, o primeiro lugar.

— Acredita, Marta, que a minha impressão de noiva não tem sido essa...

— Mas na tua vida de mulher casada será essa com certeza, Maria.

A noite caíra de todo. E Marta levantou-se para acender os candeeiros. Na elegante salinha espalhou-se a luz alegre e quente; e Maria concluiu:

— Que importa o plano em que se está se um amor sincero reina no casal?

O Lar

A FELICIDADE ESTÁ PERTO DE NÓS

DEBATEM-SE no mundo problemas graves. Dizem algumas pessoas que estamos no limiar de novas eras. Até de novos ideais e nova moralidade... Mas isso é um êrro. Os ideais são sempre generosos, nobres e desinteressados (ou então teem outros nomes tais como ambição, cobiça, etc.) e a moralidade é sempre a mesma guardiã dos nossos lares... A não ser que se pretenda que acabem os lares... Mas isso é impossível, porque a família, o lar que a une, é tão antiga como o mundo. A sua organização cristã é a única que dá a felicidade, a calma, o socêgo sem o qual toda a alegria não passa de uma excitação passageira. As nossas raparigas compreendem-no bem e quando casam levam essa felicidade consigo e transmitem-na aos outros.

Recebi há tempos uma carta duma antiga filiada nossa, que casou e vive numa dessas lindas ilhas que possuimos no Atlântico. Não queria deixar de a transcrever, em parte, aqui, pois tenho a certeza que a vão apreciar e até quem sabe? sonhar com uma vida assim... de educadora meiga e mulher amada.

Como é bom ver que no meio do mundo em guerra ainda existe num canto recatado duma ilha um jardim de contos de fadas, onde as paixões ruins não chegam.

"...O jardim continua lindo, nesta altura do ano é mesmo duma beleza indiscriptível. O pequeno (a quem vou tentando educar o gôsto, fazendo-o reparar nas coisas belas) já chama por mim para eu apreciar isto ou aquilo. "Oh, Mãe! É lindo, lindo, lindo! "diz êle quando desembocamos no "roseiral", que é um relvado enorme com quatro aurocárias aos cantos e um verdadeiro mar de rosas ao centro. O Antoninho chega ao pé das roseiras, observa-as, agarra num botão, fechando-o na mãosinha atrevida e tentando arrancá-la pela cabeça, e vai repetindo "Oh, Mãe! É bonito!" Lá lhe vou explicando que é preciso não só admirar, como principalmente poupar e respeitar a beleza.

Hoje, quinta-feira de Ascenção, os meu sogros vieram passar a tarde comigo e com o pequeno. Tomaram chá e passearam comnosco no jardim. O neto recitou-lhes o seu reportório que os deixou espantados, pois que sabe inúmeras coisas, desde a Avé Maria de Fátima, até a trechos de Seneca. É sobretudo de admirar atendendo principalmente a que êle só tem dois anos e dois meses, completos amanhã.

No domingo passado assistimos à procissão do "Senhor Santo Cristo" que já tenho descrito por várias vezes (sempre que a vejo!) Pela primeira vez, o meu filho a viu com olhos de ver, e rezou comigo. Não posso descrever o que senti, de ternura e reconhecimento a Deus. Mas como a Felicidade nunca pode ser completa, não estava ali o meu marido que nos outros anos também rezou comigo e se comoveu com os mesmos sentimentos que me fizeram chorar. Tenho muitíssimas saúdades dele e sinto uma alegria imensa de pensar que para a semana já êle volta, se Deus quizer.

Aqui, a minha vida, é só isto que digo, pois mal tenho paciência para saír.

Vivo dentro dêste jardim com o pequeno e só por obrigação saio. Lá fora as ruas são sujas e poeirentas, — cá dentro, é um Paraíso. No socêgo duma noite como esta, abro a porta da sala, e o sentido da palavra "Paz" penetra em mim... Vejo ao longe (porque o adivinho) o mar debruado pelas luzinhas da cidade. Mas os sons que lá de baixo veem até mim, perdem o seu verdadeiro sentido ao penetrar no silêncio que me rodeia. Do fundo do jardim sobe o côro das rãs... Lembro um canteiro de assucenas que vi quando voltava para Casa, tão brancas, tão insignificantes, tão ignoradas de todo o mundo em guerra... E tenho pena de que tanta maior importância tenham as coisas feias e más, do que a Paz incrível duma noite assim. O Antoninho dorme: e as rosas que apanhámos os dois há bocadinho, perfumam a casa e dão-lhe um ar de festa, só para nós. Quanto me custaria agora saír para aquilo a que se convencionou chamar "divertimento", bailes, animatógrafo, etc.! O meu bem estar e o meu divertimento são esta vida socegada e a minha única ambição, presentemente, é ver chegar o dia da volta do meu marido".

Nem a todos é dado o expressar bem, por escrito, os seus sentimentos. Mas a todos é dado sentir e apreciar essa flôr rara e que se cultiva cuidadosamente — a que se chama Felicidade!

Francisca de Assis

TRABALHOS DE MÃOS

AVENTAL

SACO DE COSTURA

Um bom trabalho para férias. Bom e util! Mas trabalhai apressadas para que o avental ainda vos possa servir para as tardes em que à sombra duma árvore ou num cantinho fresco da casa vos sabe bem costurar.

Guida RAPARIGA DE HOJE

(Continuação da página 7)

Não tinham nada que vestir, de maneira que temos cosido imenso para lhes arranjar um enxovalzinho. A avó conseguiu que numa quinta próxima lhe dessem leite para as ajudar a criar, e, assim, vão vivendo.

A casa é muito suja, temos de a varrer e de dar banho aos pequenos. A Suzana quando entra ilumina tudo com a sua alegria e, quando saimos, a pobre Mãe fica tão resignada com a sua sorte que faz ternura.

Que contraste o que vemos nesta infeliz gente e o que se passa na praia, e na rua dos cafés e do bairro onde se esbanja tanto dinheiro!

Na praia a Suzana aflige-se quando vê os "maillods" que na verdade são um pouco ousados, embora em nada se comparem com os que se vêem no Estoril e há já muitas raparigas que usam os modêlos da Mocidade e da Juventude.

A Suzana quando vê aproximar-se dela as modernistas, pede perdão a Deus, por elas, e diz sempre:

— Coitadinhas, não sabem que estão a ofender a Deus.

E também eu estou convencida que não o fazem por mal. É a terrível mania da moda e o mêdo de parecer *bota-de-elástico* que faz com que tanta rapariga se habitue a usos e costumes trazidos de fora e que as prejudicam fazendo-as parecer o que elas não são.

Outro dia fui dar um passeio por mar com o pai de Suzana, ela, e um tio meu. Fomos num barco de pesca, à vela, foi delicioso; quando o vento soprava, o barco corria sôbre a água, que o sol fazia brilhar e eu sentia uma impressão única naquela carreira, no meio do azul entre a água e o Céu. Sentimo-nos tão perto de Deus, quando nos vemos, tão pequeninas, no meio da Natureza, Sua obra grandiosa!

Suzana e eu rezámos por aqueles que andam perdidos nas águas do mar.

O Zéca teve imensa pena de não ir, mas a Avó não deixou, e ficou em casa entretido com os coelhinhos brancos. A Avó tem imensos, uns vulgares e outros "Angora", que parecem feitos de arminho; são o entusiasmo do Zéca. Conhecem-no muito bem e logo que o vêem correm à sua volta, levantam as patinhas e ficam à espera de algum mimo. Têm imensa graça.

São horas de ir tratar dos gemeosinhos por isso vou deixar-te. Peço-te que apresentes os meus cumprimentos a todos os Teus, por quem tenho a mais respeitosa simpatia, e que dês um beijo a Maria Adelaide e lhe digas que sinto muito que o Tareco se fizesse vadio.

Um grande beijo da tua muito amiga

Joana

Até o trabalho diverte

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA PAREDE

Jogos animados

Conselhos de irmã mais velha

1.ª lição de ciclismo